

O discurso antitabagista em um programa televisivo de grande veiculação nacional: uma análise da série “Brasil sem Cigarro”

Luciene Ferreira da Costa¹

Resumo

O uso abusivo do tabaco está caracterizado atualmente como uma epidemia mundial, assumindo um caráter de problema de saúde pública. Existem inúmeros motivos que contribuem para predeterminar o indivíduo ao hábito de fumar cada vez mais prematuro, entre eles a exibição das propagandas veiculadas na mídia, pode ser considerado um fator de risco para o consumo/dependência da nicotina. Diante da complexidade de sentidos e significados que envolvem o tabagismo, este estudo objetivou fazer uma reflexão acerca do discurso antitabagista apregoado na série “Brasil sem cigarro”, a qual vinha a propor o auxílio aos brasileiros praticantes do tabagismo a se “libertarem da dependência” do cigarro e das consequências causadas pela adoção desse estilo de vida. Foi empregada uma análise qualitativa de discurso da série “Brasil sem cigarro”, exibida no programa Fantástico, da Rede Globo, no ano de 2011. Nesse estudo foi possível observar que a série Brasil sem Cigarro acaba viciando as pessoas a visar apenas os aspectos patológicos, além do fato de apresentar o tabagista como um incômodo para a sociedade. Questiona-se, portanto, até que ponto a técnica do medo é eficaz nas políticas de saúde.

Palavras-chave: *Tabagismo; Discurso Antitabagista; Análise do Discurso.*

¹ Graduanda da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Introdução

De acordo com a OBID- Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (2007), o tabaco, cujo nome científico é *Nicotianatabacum*, é a planta usada para a extração da nicotina. O uso dessa substância surgiu nas comunidades indígenas da América Central, onde era utilizada em rituais religiosos para santificar, meditar, defender e fortificar os guerreiros, além da crença de que com o uso da nicotina, podia-se prever o futuro. Com a migração das tribos tupi-guaranis para o Brasil, a planta chegou ao país e a partir do século XVI foi inserida na Europa por Jean Nicot, diplomata francês que utilizou a substância para curar uma úlcera. Em princípio utilizada para fins curativos, propagou-se rapidamente através do cachimbo, chegando à África e à Ásia no século XVII e logo se iniciou a moda de aspirar rapé e no século XIX, a utilização de charuto alcançou toda a Europa.

O tabagismo, já considerado uma epidemia, encontra-se como um dos principais problemas de saúde da atualidade, assumindo um caráter de saúde pública mundial, com projeções para 2020, de uma soma de 10 milhões de mortes relacionadas ao consumo do fumo (SBORNIA, 2005; apud ROSEMBERG, 2002).

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o consumo do cigarro está cada vez mais precoce, iniciando, em geral entre os 13 aos 15 anos de idade, período da adolescência em que ocorre a integração e aceitação do jovem na sociedade como um todo.

Há inúmeros motivos que contribuem para predeterminar o indivíduo ao hábito de fumar cada vez mais prematuro. Estes fatores podem estar envolvidos no âmbito familiar, cultural, ambiental, individual, precocidade social, influência de amigos, que podem induzir o consumo e/ou desfavorecer o abandono do hábito. Aponta-se também que a exibição das propagandas veiculadas na mídia, pode ser considerada um fator de risco para o consumo/dependência da nicotina. (SBORNIA, 2005; apud ROSEMBERG, 1981).

A mídia, em especial a televisiva, tem proporcionado novas configurações do viver em sociedade, fazendo com que o conhecimento transmitido seja convertido em produto. Além disso, tem sido um importante mecanismo de formação de opiniões e subjetividades, fazendo com que o sujeito observe a mensagem transmitida através da sua ótica, conforme já foi observado durante muitos anos atrás nas propagandas de cigarro, envolvendo significados atrelados à prática esportiva, jovialidade, espírito aventureiro, poder, beleza, status, sempre expondo uma imagem positiva de quem o consome (SILVA & SANTOS, 2009).

Centralizada nas mãos daqueles que possuem o poder para comandar o fluxo de informações, a mídia já é considerada o quarto maior segmento econômico do mundo, sendo apontada como o maior meio de entretenimento e informação da sociedade. O poder de controle midiático sobre a população exerce uma espécie de controle social, levando a um processo da popularização que vêm caminhando sem identidade própria, levando-nos a refletir acerca da exposição da mídia como oferta de modos de pensar, agir e até mesmo de ser, dominando essa massa através dos seus símbolos e signos. (SILVA & SANTOS, 2009).

A saúde pública atual vem sofrendo críticas contundentes sobre a medicalização da sociedade, fragilizando a sua eficácia. Esta realidade perpassa por grandes problemas, dentre os quais se inclui o tabagismo, cujo claro entendimento do ato de fumar abrange uma pluralidade de sentidos. Desse modo, a biomedicalização do tabagismo, apresenta limitações, pois culpabiliza o sujeito e se restringe ao âmbito individual, excluindo fatores externos e coletivos (CASTIEL & ALVAREZ, 2007), além dos emocionais e representacionais.

Em 2011 foi veiculada uma série de TV brasileira intitulada “Brasil sem cigarro” em um programa de grande circulação nacional. A série foi desenvolvida em parceria com o SESC e o Inca e era composta por um médico que, dentre os fumantes inscritos para participar do programa, selecionou três deles para serem “acompanhados/vigiados”. Diante da complexidade de sentidos e significados que envolvem o tabagismo, este estudo pretende fazer uma reflexão acerca do discurso antitabagista apregoado na série “Brasil sem Cigarro”, a qual propôs auxiliar os brasileiros praticantes do tabagismo a se “libertarem da dependência” do cigarro e das consequências causadas pela adoção desse estilo de vida.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, no qual se utilizou a técnica da análise de discurso, que possibilita captar o sentido não explícito no discurso e, portanto, é uma maneira de aproximação do processo saúde-doença por meio da interpretação da linguagem, além de apresentar a compreensão do sujeito acerca de determinado contexto evidenciando as suas relações para a produção do próprio discurso.

O presente estudo tomou como objeto de análise a série “Brasil sem Cigarro” exibida no programa Fantástico, da Rede Globo, no ano de 2011. A série foi apresentada pelo médico Dráuzio Varella, o qual acompanhou três fumantes na tentativa de abandonar o hábito de fumar. Os vídeos da série foram assistidos no site do youtube², e posteriormente transcritos na íntegra e analisados. A análise foi feita na perspectiva de alcançar os sentidos verbais e não verbais, intercruzando-os para identificar o quanto as políticas que envolvem o cigarro interferem no dia-a-dia do tabagista, bem como são refletidas historicamente no combate a essa prática. Para interpretação das narrativas tomou-se como referencial teórico Foucault (1987), Canguilhem (1943) e Castiel (2007).

Resultados e Discussões

Observa-se que já na abertura da série “Brasil sem Cigarro”, há um determinismo intencional por parte do apresentador, em apontar a culpa e infelicidade de um tabagista diante da respectiva ótica de ‘normalidade’ socialmente dada. Logo no primeiro vídeo da série, o Dr. Dráuzio Varella diz:

“Todo fumante quer parar de fumar, mesmo aqueles que dizem o contrário. Quem é que pode ser feliz sendo dependente de uma droga que provoca abstinência a cada 30 minutos?”

Dizer que o fumante não pode ser feliz, leva os telespectadores tabagistas a uma conduta social inferior por ter assumido esse comportamento, e ainda, subentende-se que todo aquele que fuma, perde a capacidade de tocar sua própria vida sob novas condições, tornando-o um indivíduo fora do padrão que a sociedade considera normal. Além disso, reduz a noção de felicidade a um único comportamento ou estilo de vida, conferindo-lhe uma epistemologia restrita e negativa, que só se concretiza na ausência do hábito de fumar. A concepção de saúde relacionada à ausência de doença está impregnada no saber biomédico bem como faz parte da concepção de uma grande massa populacional, desse modo, a saúde resulta da prática de hábitos saudáveis para tornar o corpo livre de

² Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=HnI0ORGJB74>;
<http://www.youtube.com/watch?v=QEVZ1ZJODkA>;
<http://www.youtube.com/watch?v=L2WiEV1gVFg>;
<http://www.youtube.com/watch?v=MePi-arVklY>;
http://www.youtube.com/watch?v=_MFOPpy7IY0;
<http://www.youtube.com/watch?v=vwl-xvgmMyE>

“doenças” e assim pode-se ter uma vida saudável, plena de gozo, valores e felicidade (CARMARGO JR et al. 2007).

Contrapondo a visão estabelecida na série, Canguilhem (1943) cuidadosamente argumenta que o ser normal, não é necessariamente aquele em que a anormalidade está ausente, pelo contrário, o patológico também pode ser considerado uma forma de viver, conferindo ao indivíduo a inexistência de uma norma universal para o que se pode considerar normal. Assim, cada um estabelece para si o conceito do que é normal incluindo a singularidade da sua condição, dessa forma, o chamado estado “patológico” também pode ser considerado uma norma de vida, na qual o indivíduo está normatizado dentro de suas condições.

Ao longo do primeiro episódio, o apresentador alega:

“Incrível né? A pessoa tem consciência e não para, não para.”

Percebemos nessa afirmação, a culpabilização a qual o fumante está sendo submetido, além da responsabilização pela sua própria condição de saúde, não considerando os fatores externos e as diversas complexidades que envolvem e influenciam o sujeito a fumar (CASTIEL, 2007).

No decorrer da série, pode-se notar que a constante vigilância das câmeras permite ao telespectador a observação analítica e crítica do comportamento dos participantes, instituindo o controle sobre eles para assim, dominar o seu comportamento e modificá-los (Foucault, 1987). Dessa forma estabelece-se nessa trama a obrigatoriedade de bons resultados, visto que há milhares de pessoas os assistindo e utilizando-os como exemplos para abandonar (ou não) o cigarro nos seu distintos contextos socioculturais.

Além da condição de ser vigiado, outro elemento presente na série Brasil sem Cigarro, foi o medo do fracasso. Isso pode ser notado quando o médico apresentador encaminha um dos participantes para ver de perto a anatomia de um pulmão, estabelecendo uma comparação entre o órgão de um fumante e de um não fumante. Em seu discurso, ao fazer a comparação, o médico diz:

“Isso aqui é muitos anos fumando, né? Mas olha a diferença do pulmão normal e o pulmão do outro.”

Nota-se uma expressão de indignação e medo por parte do participante, ao declarar: *“E eu que vou parar de fumar, isso daqui com certeza vai ficar muito tempo na minha memória, vai me dar forças.”*

E logo o apresentador completa:

*“Mas você primeiro vai impedir que isso piore,
porque pode piorar muito daqui ainda.”*

Tratando-se do combate ao tabagismo, podemos notar que a pedagogia do medo está arraigada nas mídias televisivas e nos discursos biomédicos buscando intimidar a população fumante através de um discurso culpabilizador e condenatório na tentativa de alcançar a sensibilidade coletiva. A responsabilização voltada unicamente para o tabagista torna-se um elemento indispensável para se constituir o sentimento de medo e esta determinação manifesta-se de forma violenta à identidade do indivíduo, além de deixar subtendido que o indivíduo tabagista é dispensável e supérfluo no país.

No Brasil, existem diversas políticas públicas voltadas ao consumo do cigarro, buscando despertar o sentimento de medo da população fumante, como nota-se nas embalagens de cigarros que explicitam os possíveis resultados patológicos decorrentes do seu uso, as propagandas televisivas que antes proporcionavam uma ótica de diversão, bem estar, agora alertam os riscos à saúde, a Lei 12.546 que foi sancionada pela Presidente Dilma Rouseff, proibindo o uso de cigarros em locais públicos.

É importante ressaltar que a mídia participa fortemente da manipulação de contextos e sentidos, influenciando a população a direcionar-se através dos seus vieses (SILVA & SANTOS, 2009). Há alguns anos atrás, acreditava-se que o uso da nicotina era um hábito saudável, configurando o poder, status e uma ampla aceitação social, porém na atualidade, o tabagismo é pautado como uma anormalidade prejudicial à saúde, levando àqueles que o consomem a se tornarem seres doentes, infelizes, incapazes, assim como discursa a participante da série “Brasil sem Cigarro”:

“Felizmente a gente tem que amadurecer pra começar a se gostar sabia? Você acha que você gosta de você, mas faz muita besteira. Nunca mais o cheiro do cigarro. Já era.”

Podemos notar que o impacto dessa nova configuração voltada para quem faz uso do cigarro está impregnada na sociedade atual, fortalecida através da mídia, campanhas e leis, acabam descaracterizando e até excluindo o fumante de determinados meios sociais. O novo significado voltado para o tabagismo traz consigo novos valores culturais, além do

medo do adoecimento e a responsabilização do fumante como o portador do próprio mal (SOUZA, 2006).

Quando uma das participantes da série diz:

“Eu não me conformava de uma coisa me dominar, como que o vício conseguia fazer aquilo comigo, eu tava ficando muda, eu queria cantar uma música, voltar a ter uma vida normal, eu pensava: “-O que é que eu to fazendo comigo?”, e pra ser uma pessoa melhor pro meu neto que vem vindo eu tinha que ser boa pra mim.”

Percebemos o quanto as políticas tabagistas estão inseridas no cotidiano dos indivíduos fumantes, despertando o medo de desenvolver alguma patologia causadas propriamente por seus hábitos.

A pedagogia do medo não se preocupa com as perspectivas subjetivas e com a dinamicidade social que envolve o indivíduo como pode-se notar na série Brasil sem Cigarro, mostrando-se carregada de frases que atribuem culpa ao indivíduo fumante, focalizando o discurso unicamente na perspectiva do risco à saúde, tornando excludente a concepção do tabagismo como uma prática social mediada por forças ideológicas, econômicas e políticas, que assumem conotações complexas (CASTIEL, ET AL. 2007).

Conclusão

Nesse estudo foi possível observar que o discurso predominante na série Brasil sem Cigarro patologiza o tabagismo, culpabiliza e responsabiliza os fumantes pela adoção dessa prática. Assim o indivíduo fumante não é feliz, não é saudável, além do fato de se apresentar como um problema para a sociedade, a qual deve declarar “guerra aos fumantes”. Esse contexto nos remete a uma reflexão, visto que, a série foi lançada no mesmo período em que foi aprovada a Lei 12.546, que proíbe o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos, ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco em recinto coletivo fechado, privado ou público. Esse contexto nos leva aos seguintes questionamentos: Até que ponto a pedagogia do medo é eficaz nas políticas de saúde? Quais são os reais interesses que envolvem a cessação do tabagismo no país?

Para tanto, vale levar em consideração não apenas evidências científicas de riscos associados ao tabagismo, colocando os fumantes como “seres patológicos” e incapazes de ser feliz, mas considerar também os múltiplos sentidos e fatores que permeiam essa prática, e assim caminhar para uma lúcida promoção da saúde, com corresponsabilização, autonomia e protagonismo dos sujeitos fumantes.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>> Acesso em 20 Dezembro de 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/tabagismo>> Acesso em 20 de Dezembro de 2012.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

CASTIEL, L. D. e ALVAREZ-DARDET, C. **Saúde persecutória: os limites da responsabilidade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2007.

CAMARGO JUNIOR, K. R. **As armadilhas da “concepção positiva de saúde”**. Rio de Janeiro: Ver. Saúde Coletiva, 2007.

FISCHER, R. M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Caderno de Pesquisa, 2011, n.114, p. 197-223.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SBORNIA, R. C. **Tabagismo: uma busca da subjetividade no uso da droga permitida**. Dissertação, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, Ribeirão Preto, 2005.

SILVA, E. F. G.; SANTOS, SUELY E. B. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade.** Anais do XV ENABRASCO, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, D. L. B. **Os significados do tabagismo construídos na dinâmica social.** Dissertação, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2006.